

APOSTILA DE HISTÓRIA DO BRASIL III

Prof. Marcos Alvito

PARTE I :

PASSAGEM DO IMPÉRIO À REPÚBLICA

Textos:

001: Balanço estatístico do Império	03
002: Citações de Castro Alves, <i>O Navio Negreiro - Tragédia no mar</i>	04
003: Artigo de José do Patrocínio (19/6/1882)	04
004: Militares recusam-se a perseguir escravos fugidos (1887)	06
005: As duas correntes do movimento abolicionista	06
006: A festa da Abolição	07
007: A Abolição em Machado de Assis	10
008: Abolição e questão racial - exemplos da tradição oral “perpetuada” pela música	12
009: Passagens sobre a questão racial - século XIX	14
010: A vida no cortiço	18
011: A Proclamação da República segundo Raul Pompéia	31
012: A Proclamação da República segundo Artur Azevedo	32

Texto 001: Balanço estatístico do Império

POPULAÇÃO:

Em milhões	1819	1872	1890
	4,6	9,9	14,3

PROVÍNCIAS MAIS POVOADAS em 1872

1º Minas Gerais: 2,1 milhões

2º Bahia: 1,38 milhão

3º Pernambuco e São Paulo: 840 mil

COMPOSIÇÃO POR GRUPO DE COR	1872	1890
Branca	38,0%	44,0%
Parda	41,4%	42,0%
Preta	20,0%	14,6%

Amarela e s/d (somente a partir do censo de 1940)

ÍNDICE DE ANALFABETISMO em 1872

Entre os escravos 99,9%

População livre 80,0%

Somente mulheres livres 86,0%

Apenas 16,85% da população entre 6-15 anos freqüentava escolas

Havia somente 12 mil estudantes secundários

POPULAÇÃO EM ATIVIDADE POR SETOR em 1872

Agrícola	Serviços*	Indústria
80%	13%	7% (incluída a mineração)

* mais da metade = empregados domésticos

Em 1890 a CAPITAL FEDERAL tinha 522 mil habitantes

PARTICIPAÇÃO DO ELEITORADO em relação ao total da população

1872*	1881**	1894***	1930****	1945*****
13,0%	0,8%	2,2%	5,6%	13,4%

* porcentagem da população livre

** em 1881 os analfabetos perderam o direito de voto, o que será mantido com a República

*** primeira eleição presidencial republicana

**** última eleição presidencial da Primeira República

***** agora já incluindo o voto feminino

Fontes: FAUSTO,2000; CARVALHO,2001; SILVA,N.V. & HASENBALG,C.A. *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro:Rio Fundo:IUPERJ.1992.

Texto 002: Citações de Castro Alves, *O Navio Negreiro - Tragédia no mar* (1868):

Natureza e data do texto: Castro Alves, nascido no interior da Bahia em 1847, cursa Direito em São Paulo e torna-se um ídolo do movimento abolicionista após a elaboração dos seus poemas sobre a questão dos escravos. Morre de tuberculose aos 24 anos de idade, em 6 de julho de 1871.

Era um sonho dantesco... o tombadilho
que das luzernas avermelha o brilho
Em sangue a se banhar
Tinir de ferros... estalar de açoite
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças ... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.
(*Navio Negreiro*, IV)

Existe um povo que a bandeira empresta
Pra cobrir tanta infâmia e cobardia! ...
E deixa-a transformar nessa festa
Em manto impuro de bacante fria !...
Meu Deus ! meu Deus ! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia ?
Silêncio, Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no seu pranto!..."
(*Navio Negreiro*, VI)

Fonte: ALVES, Castro. *Os escravos*. São Paulo, Klick Editora, 1999. Pp.88 e 93 respectivamente.

Texto 003: Artigo de José do Patrocínio (19/6/1882):

Natureza e data do texto: Nascido em Campos em 1853, filho de um padre com sua escrava de 13 anos, José do Patrocínio nunca foi reconhecido legalmente pelo pai. Veio para a corte aos 15 anos, tornando-se farmacêutico e desenvolvendo intensa atividade política e jornalística. É um dos mais apaixonados defensores da causa abolicionista, que começa a defender na *Gazeta de Notícias* desde 1877. Em 1880, depois que um projeto de abolição imediata é rejeitado na Câmara, Patrocínio, juntamente com Joaquim Nabuco, André Rebouças e outros, cria a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, a qual edita o jornal *O Abolicionista*. Também no ano de 1880, começam as Conferências Abolicionistas nos teatros do Rio de Janeiro, nas quais Patrocínio

brilhou. Em 1881 Patrocínio começa a escrever para o *Gazeta da Tarde* (fundado no ano anterior e mais militante que a *Gazeta de Notícias*). Monarquista e isabelista ferrenho após a Abolição, apoia entretanto a República, o que é mal entendido por seus contemporâneos. Morre abandonado, de tuberculose, em 1905, com 52 anos. Milhares de pessoas vão prestar sua última homenagem na Igreja do Rosário e acompanham o corpo até o cemitério de São Francisco Xavier. O artigo que se segue foi publicado na *Gazeta da Tarde* em 19 de junho de 1882 e exemplifica não só o acirramento da campanha abolicionista mas também a percepção, por parte de José do Patrocínio, da discrepância entre a posição do imperador e da regente, por um lado, e da maioria conservadora que controlava a Câmara.

“Duas vezes chamadas a pronunciar-se a respeito da questão servil, as câmaras da situação liberal têm votado o silêncio.

Não quis a primeira Câmara desta situação discutir o projeto Nabuco; a segunda acaba de negar-se ao debate do projeto proibindo o tráfico interprovincial.

Apreciando o voto pelo valor moral de quem o dá, o fato não deve causar admiração.

A dignidade é o ambiente necessário à coragem das opiniões e a situação liberal nasceu, consolidou-se e vive, e há de morrer, sem dignidade.

O Governo é a Cápua(12) desses cartagineses irrequietos. Aí amolecem, desfibram-se e aniquilam-se em rega-bofes de cama e mesa, na farta fruição dos despojos opimos do eterno combalido – o tesouro.

O voto da Câmara não nos surpreendeu, portanto. Foi para nós uma simples afirmação do que pensávamos a respeito desse conluio indecente, presidido pelo bacalhau de Cebolas(13) e o anjinho de Macuco(14).

Seria fenomenal obter duma casa de tolerância o sufrágio do pudor nacional. O que ali tem valor é a mesa de tavalagem em que se jogam garantias de juros, subvenções, empregos e candidaturas.

Pouco se importa o sr. Prado Pimentel, por exemplo, que a escravidão seja uma tremenda mancha para o país.

S.Ex.a., bela peça, um bom mulato, sabe somente que a pele dos africanos, seus ascendentes, pode servir de pergaminho a diplomas de deputados de sua laia.

No caso do sr. Mulato Prado Pimentel está a maioria da Câmara.

Nós os conhecemos. Eram uns vadios sem eira, nem beira, uns bacharéis escrevinhadores que formigavam na oposição, como vermes, em torno de uns homens de nome feito.

À tarde descompunham o Governo, à noite enlurvavam-se e iam namorar as filhas dos fazendeiros. Diziam alto quais os dotes presumíveis. Iam às conquistas avisando que não eram tolos, que não estavam para morrer de fome.

(...)

O voto da Câmara não nos surpreendeu, portanto. Não podia ser outro, devia ser este mesmo: negar-se à discussão.

Nós que escrevemos por inspiração da honra do país para o mundo civilizado; nós que temos a responsabilidade do futuro, que não engordamos à custa das privações das senzalas para acabar estupidamente na administração

por uma degenerescência gordurosa da probidade individual e do civismo, temos o direito de desprezar o voto da Câmara para interrogar o imperador.

O que conclui Sua Majestade dos fenômenos a que assiste ?

Enquanto a Câmara dos seus representantes se nega a discutir, enquanto o sr. Martinho Campos, agente do Poder Executivo, celebra pactos monstruosos com o sr. Paulino de Sousa, o Machiavel fanhoso, enquanto os presidentes de província como o sr. Gavião do Marmeleiro(15) e o sr. Sancho-Pança de Sergipe(16) suprimem ou ameaçam associações, o sentimento abolicionista revivesce.

Na capital quinze associações disputam-se a primazia na coragem cívica e na dedicação pela sorte dos cativos; em São Paulo desabrocha o sentimento abolicionista em clubes nos principais órgãos da sua imprensa; no Rio Grande do Sul a propaganda assoberba todas as dificuldades, coroando-se com o prestígio do nome de Silveira Martins; no Ceará dão-se as mãos todos os grandes elementos das grandes transformações. Desde a vela branca da jangada (17) até o sorriso da mulher, desde a dedicação dos homens eminentes até a greve dos artistas, tudo é esperança para os cativos naquela província, sobre a qual se curva, como auréola inextinguível, a luz equatorial.

Não sente Sua Majestade alguma coisa de extraordinário nesse momento que em dois anos se comunicou a todo o país ?

Não lhe parece que é o produto de um terremoto que se aproxima ?

Quando fender-se o amaldiçoado solo árido, que tem bebido por três séculos o suor e o pranto de milhões de homens, não teme Sua Majestade que uma das ruínas seja o seu trono ?

A lealdade impõe-nos uma advertência a Sua Majestade.

Com uma fisionomia protéica, mudando de aspecto conforme o ponto de que é vista, só há atualmente neste país uma questão séria: é a abolição da escravidão.

Para ela convergirão fatalmente pelo impulso da propaganda, como pela resistência dos opositores, todas as energias vivas do país.

(...)

19 junho 1882

(12) Cidade italiana onde os cartagineses, sob o comando de Aníbal, entregaram-se aos prazeres mundanos, enfraquecendo-se em consequência.

(13) O chicote de Martinho Álvares da Silva Campos. Um dos maiores representantes da política escravista, tinha, no entanto, a fama de tratar com brandura os seus escravos.

(14) Paulino José Soares de Sousa.

(15) Bernardo Avelino Gavião Peixoto, presidente da província do Rio de Janeiro

(16) José Alves do Nascimento, presidente da província de Sergipe.

(17) Referência aos jangadeiros cearenses que, sob a liderança de Francisco José do Nascimento, recusaram-se, em 27 de janeiro de 1881, a continuarem transportando negros escravos para os comerciantes.

Fonte: PATROCÍNIO, José. *Campanha Abolicionista* (coletânea de artigos). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1996. (Introdução de José Murilo de Carvalho).pp.41-44.

Texto 004: Militares recusam-se a perseguir escravos fugidos (1887)

Natureza e data do texto: Em outubro de 1887, o Clube Militar, tendo à frente Deodoro, envia à regente a célebre petição na qual solicita dispensa da tarefa degradante de perseguir escravos fugidos:

'Senhora - os oficiais membros do Clube Militar pedem à Vossa Alteza Imperial vênua para dirigir ao governo imperial um pedido que é antes uma súplica. Eles todos que são e serão os amigos mais dedicados e os mais leais servidores de Sua Majestade o imperador e de sua dinastia, os mais sinceros defensores das instituições que nos regem, eles que jamais negaram, em vosso bem, os mais dedicados sacrifícios, esperam que o governo imperial não consinta que nos destacamentos do Exército que seguem para o interior com o fim, sem dúvida, de manter a ordem, tranquilizar a população e garantir a inviolabilidade das famílias, os soldados sejam encarregados da captura dos pobres negros que fogem à escravidão, ou porque viviam cansados de sofrer-lhe os horrores, ou porque um raio de luz da liberdade lhes tenha aquecido o coração e iluminado a alma. Por isso, os membros do Clube Militar, em nome dos mais santos princípios de humanidade, em nome da solidariedade humana, em nome da civilização, em nome da caridade cristã, em nome das dores de Sua Majestade, vosso augusto pai, cujos sentimentos julgam interpretar e sobre cuja ausência choram lágrimas de saudade, em nome do vosso futuro e do futuro do vosso filho, esperam que o governo imperial não consinta que os oficiais e praças do Exército sejam desviados da sua nobre missão.'

Fonte: MONTEIRO, Hamilton M. *Brasil Império*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Pp.71-2.

Texto 005: As duas correntes do movimento abolicionista

Natureza e data do texto: O movimento abolicionista pode ter o seu início datado da década de 1860, embora tenha se acirrado sobretudo a partir de 1880. Todavia, há que distinguir entre duas correntes: a *moderada*, e a *radical*. À primeira, pertenciam Campos Sales (porta voz dos cafeicultores do oeste paulista) e José do Patrocínio. O principal ideólogo da corrente moderada foi Joaquim Nabuco, que assim condenava os radicais:

'A propaganda abolicionista não se dirige, com efeito, aos escravos. Seria uma covardia inepta e criminosa, e, além disso, um suicídio para o partido abolicionista, incitar à insurreição ou ao crime homens sem defesa e que a lei de Linch ou a justiça pública imediatamente haveria de esmagar... Suicídio político porque a nação inteira - vendo uma classe, e essa a mais influente e poderosa do Estado, exposta à vingança bárbara e selvagem de uma população mantida até hoje ao nível dos animais... - pensaria que a necessidade urgente era salvar a sociedade a todo o custo por um exemplo tremendo e este seria o sinal da morte do Abolicionismo.'

A corrente *radical*, por sua vez pregava a insurreição aberta contra o sistema escravista, se fosse preciso com o uso da violência. A ela pertenciam Silva Jardim, Luís Gama (ex-escravo) , Augusto de Lima, Alberto Torres, Antônio Bento, Raimundo Correa e outros. Afirma Raul Pompéia, expressando a opinião dos radicais:

'A humanidade só tem a felicitar-se quando um pensamento de revolta passa pelo cérebro oprimido dos rebanhos de operários das fazendas. A idéia de insurreição indica que a natureza humana vive. Todas as violências em prol da liberdade violentamente acabrunhada devem ser saudadas como vinditas santas. A maior tristeza dos abolicionistas é que estas violências não sejam frequentes e a conflagração não seja geral'

Fonte: MENDES Jr, Antonio et alii. *Brasil História - Texto e Consulta - vol. 3: República*. São Paulo: Brasiliense, 1981. pp.124-6.

Texto 006: A festa da Abolição

"... porque só vemos a lei, estamos perdendo a festa. A maior festa de todos os tempos.

E não perdemos apenas a alegria do povo. Perdemos o próprio Brasil, a sociedade concreta. Perdemos sobretudo a participação do povo negro (os pretos e pardos do tempo do Dom Obá II d'África) na construção da história. Na verdade, o que parece extraordinário no 13 de Maio é o fato de não tratar-se apenas do dia da lei, mas do início da festa. Lei e festa completando o sentido uma da outra, de tal modo que podem ser vistas como um todo. A lei inspirando a festa, a festa justificando e garantindo a lei. E não é preciso lembrar o contraponto tristíssimo do tráfico negreiro, que foi abolido no dia 13 de março de 1830 e levou mais de 20 anos para acontecer de verdade, ainda assim com uma lei de reforço, a de 1850.

Em 1888, contudo, o povo parecia muito mais avisado e não deixou o negócio passar despercebido. A lei foi sustentada nas ruas com firmeza jamais vista em nenhum outro episódio da história do Brasil. O apoio era total, alegre, contagiante. E a festa rolou dia e noite, e debaixo de muita chuva, por oito dias seguidos. Nunca se viu tanta alegria. Já no domingo, dia 13, no Largo do Paço, uma multidão de mais de dez mil pessoas - gente como nunca se viu antes - esperava pela assinatura da lei. Bandas de música tocavam, o povo negro cercou o palácio dançando, cantando, dando vivas à liberdade, à princesa, a José do Patrocínio. Desde que a lei saiu do Senado, o povo simples - escravos, libertos e homens livres - fez questão de enfeitar o chapéu ou o peito da camisa com uma folha de 'independência' - *Sanchesia nobilis*, da família das *acanthaceae*-, um arbusto de folhagem verde e amarela, que na tradição popular, desde 1822, passou a significar amor ao país e apoio à sua desvinculação de Portugal. Alguns agitavam ramos de independência, deixando os jardins da cidade depauperados.

Lima Barreto, então um menino de 7 anos, também foi para o Largo do Paço, de mãos dadas com o pai, esperar pela assinatura da lei. A cena o marcaria para sempre, sobretudo o clima geral de expectativa e a primeira explosão da liberdade. 'Jamais, na minha vida, vi tanta alegria', recordava ele já adulto. E especificava, 'era geral, era total'.

p.2 A dança, o canto, a alegria do povo, firme, dia e noite, é um fato histórico notável, confirmado por todas as fontes que conhecemos. Todos os jornais, por exemplo, mesmo os estrangeiros, falam de oito dias de 'riso festivo', 'contentamento inexprimível', 'constante delírio', 'verdadeiro delírio de alegria e entusiasmo' e por aí afora, sem nada destoante.

A alegria parou a cidade. As repartições públicas, o porto, os trens de carga, os correios, os bancos, tudo foi obrigado a parar para ver a festa, até a fadiga mais completa, que só baixou no dia 20. Aqui, ali, por toda parte, o povo foi tomando conta da festa. Já no anoitecer do dia 17, conforme o entusiasmo foi esquentando, a alegria subiu à cabeça dos músicos do 7º Batalhão Naval, que, simplesmente, resolvem afrouxar a rigidez do repertório - polcas, valsas e marchas triunfais -, para atacar por baixo, com ritmos mais animados, improvisando-se um autêntico samba-de-roda, pela primeira vez, em plena rua do Ouvidor, o centro *chic* do Brasil. Isso para escândalo da burguesia, que chegou a reclamar aos jornais, cheia de dedos com a 'indisciplina' e com aquelas músicas 'feitas de requebros', 'para se ouvir com as pernas em vez de se ouvir com os ouvidos'. A iniciativa dos soldados, contudo, lavou a alma deles mesmos e do resto do povão, que tomou conta do pedaço e festejou à larga, se acabando no miudinho até não poder mais. No dia seguinte, também a banda dos Meninos Desvalidos introduziu grande variação, com seus 'requebrados tangos', de novo para prazer e glória de Zé-Povinho.

Nunca o Rio de Janeiro enfeitou-se tanto. Por toda parte era uma exuberância de flores, bandeirinhas, lanternas venezianas e luzes de todo o tipo. De dia eram passeatas; de noite, as *marches aux flambeaux*, ambas intermináveis, como uma serpente entrando e saindo pelas ruas estreitas em busca de certos pontos estratégicos, como a Rua do Ouvidor, onde estavam os principais jornais, e as casas de gente importante, sobretudo ministros de Estado, como que para comprometê-los com a irreversibilidade do mundo novo. E eram os estudantes de Medicina, com o seu garboso estandarte, os operários do Arsenal de Guerra, o Congresso Acadêmico, os alunos do Instituto dos Meninos Cegos, o pessoal dos Correios, com sua famosa banda de música, dirigida pelos carteiros Sampaio e Luiz José, e era o povão indistinto, firme na batucada. Todo Ministro foi visitado e revisitado. Alguns, a princípio, ficavam assustados com aquela alegria transbordante a cercar-lhes as residências. Outros podiam não estar ainda inteiramente à vontade com as novas idéias, status e relações que se impunham. Mas, gostassem ou não, tinham que responder aos vivas e aos discursos, além de contribuir com as empadinhas e a cervejota.

Na verdade, na cidade do Rio de Janeiro - e daí para todo o Brasil -, se alguém não estava gostando da conquista do 13 de Maio, esse alguém teve que ficar calado por muito tempo. Creio mesmo que para sempre, tal o impacto da grande festa."

Fonte: Eduardo Silva, "Qual Abolição ?", Jornal do Brasil, Caderno Idéias, 9/5/98.

Texto 007: A Abolição em Machado de Assis

Natureza e data do texto:

Passagens de *Memorial de Aires* (1908), último livro de Machado de Assis, publicado no mesmo ano da sua morte. O narrador é o mesmo de *Esaú e Jacó*: o Conselheiro Aires, viúvo sem filhos e diplomata aposentado, um homem equilibrado e sereno, dotado de um fino senso de humor e muita sensibilidade. A escrita tem a forma de um diário (ou quase isso) dos anos de 1888 e 1889. O narrador parece querer distanciar-se das emoções para melhor apreciá-las. Toda a "ação" transcorre em um ambiente aristocrático, entre o Flamengo e Botafogo, onde moram banqueiros, desembargadores, proprietários de terras; o Conselheiro Aires fala até em ir cumprimentar o imperador, o que demonstra sua posição social. São homens e mulheres que vivem em jantares, visitas, passeios, saraus, viagens. A viúva Noronha, a bela e encantadora Fidélia é a personagem central, que acabará por casar-se com o jovem Tristão. Quando do seu primeiro casamento, Fidélia fora execrada pelo pai, um rico fazendeiro do Vale do Paraíba, por ser o noivo de uma família rival. De temperamento forte, o fazendeiro, ao tomar conhecimento da possível libertação dos escravos, reage da seguinte maneira:

"18 DE FEVEREIRO

Campos disse-me hoje que o irmão [o pai de Fidélia] lhe escrevera, em segredo, ter ouvido na roça o boato de uma lei próxima de abolição. Ele, Campos, não crê que este ministério a faça, e não se espera outro.

24 DE FEVEREIRO

A data de hoje (revolução de 1848) lembra-me a festa de rapazes que tivemos em São Paulo, e um brinde que eu fiz ao grande Lamartine. Ai, viçosos tempos! Eu estava no primeiro ano de Direito. Como falasse disso ao desembargador, disse-me este:

- Meu irmão crê que também aqui a revolução está próxima, e com ela a República"

(...)

10 DE MARÇO

Afinal sempre houve mudança de gabinete. O conselheiro João Alfredo organizou hoje outro. Daqui a três ou quatro dias irei apresentar as minhas felicitações ao novo ministro dos negócios estrangeiros.

20 DE MARÇO

Ao desembargador Campos parece que alguma coisa se fará no sentido da emancipação dos escravos, - um passo adiante, ao menos. Aguiar, que estava presente, disse que nada ocorre na praça nem lhe chegou ao Banco do Sul.

27 DE MARÇO

Santa-Pia chegou da fazenda (...) Parece que ele veio por causa do boato que corre na Paraíba do Sul acerca da emancipação dos escravos."

(...)

10 DE ABRIL

Grande novidade! O motivo da vinda do barão é consultar o desembargador sobre a alforria coletiva e imediata dos escravos de Santa-Pia. Acabo de sabê-lo, e mais isto, que a principal razão da consulta é apenas a redação do ato. Não parecendo ao irmão que este seja acertado, perguntou-lhe o que é que o impelia

a isto, uma vez que condenava a idéia atribuída ao governo de decretar a abolição, e obteve esta resposta, não sei se sutil, se profunda, se ambas as coisas ou nada:

- Quero deixar provado que julgo o ato do governo uma espoliação, por intervir no exercício de um direito que só pertence ao proprietário, e do qual uso com perda minha, porque assim quero e posso.

Será a certeza da abolição que impele Santa-Pia a praticar esse ato, anterior de algumas semanas ou meses ao outro ? A alguém que lhe fez tal pergunta respondeu Campos que não. 'Não, disse ele, meu irmão crê na tentativa do governo, mas não no resultado, a não ser o desmantelamento que vai lançar às fazendas. O ato que ele resolveu fazer exprime apenas a sinceridade das suas convicções e o seu gênio violento. Ele é capaz de propor a todos os senhores a alforria dos escravos já, e no dia seguinte propor a queda do governo que tentar fazê-lo por lei.

(...) Não podendo dissuadi-lo o desembargador cedeu ao pedido do irmão, e redigiram ambos a carta de alforria.

Retendo o papel, Santa-Pia disse:

- Estou certo de que poucos deles deixarão a fazenda; a maior parte ficará comigo, ganhando o salário que lhes vou marcar, e alguns até sem nada, - pelo gosto de morrer onde nasceram."

(...)

19 DE ABRIL

Lá se foi o barão com a alforria de escravos na mala. Talvez tenha ouvido alguma coisa da resolução do governo; dizem que, abertas as câmaras, aparecerá um projeto de lei. Venha, que é tempo. Ainda me lembra do que lia lá fora, a nosso respeito, por ocasião da famosa proclamação de Lincoln: 'Eu, Abraão Lincoln, Presidente dos Estados Unidos da América...' Mais de um jornal fez alusão nominal ao Brasil, dizendo que restava agora que um povo cristão e último imitasse aquele e acabasse também com seus escravos. Espero que hoje nos louvem. Ainda que tardiamente, é a liberdade, como queriam a sua os conjurados de Tiradentes.

7 DE MAIO

O ministério apresentou à Câmara o projeto de abolição. É a abolição pura e simples. Dizem que em poucos dias será lei.

13 DE MAIO

Enfim, lei. Nunca fui, nem o cargo me consentia ser propagandista da abolição, mas confesso que senti grande prazer quando soube da votação final do Senado e da sanção da Regente. Estava na rua do Ouvidor, onde a agitação era grande e a alegria geral.

Um conhecido meu, homem de imprensa, achando-me ali, ofereceu-me lugar no seu carro, que estava na Rua Nova, e ia enfileirar no cortejo organizado para rodear o Paço da cidade, e fazer ovação à Regente. Estive quase, quase a aceitar, tal era o meu atordoamento, mas os meus hábitos quietos, os costumes diplomáticos, a própria índole e a idade me retiveram melhor que as rédeas do cocheiro aos cavalos do carro, e recusei. Recusei com pena. Deixei-os ir, a ele e aos outros, que se juntaram e partiram da Rua Primeiro de Março. Disseram-me depois que os manifestantes erguiam-se nos carros, que iam abertos, e faziam grandes aclamações, em frente ao Paço, onde estavam também todos os ministros. Se eu lá fosse, provavelmente faria o mesmo e ainda agora não me teria entendido... Não, não faria nada; meteria a cara entre os joelhos.

Ainda bem que acabamos com isto. Era tempo. Embora queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da História, ou até da Poesia. A Poesia falará dela, particularmente naqueles versos de Heine, em que o nosso nome está perpétuo. Neles conta o capitão do navio negreiro haver deixado trezentos negros no Rio de Janeiro, onde 'a casa Gonçalves Pereira' lhe pagou cem ducados por peça."

Obs: O fazendeiro, afinal, não liberta seus escravos antes do tempo. Após sua morte, sua herdeira, Fidélia, a pedido do segundo marido (talvez preocupado em desfazer a idéia de que se casava de olho na herança), doa toda a fazenda aos ex-escravos, os quais, segundo a narrativa, haviam permanecido na fazenda apenas por amor a ela.

Texto 008: Abolição e questão racial - exemplos da tradição oral "perpetuada" pela música

A) **Cantiga evocando a libertação dos escravos** pela Princesa Isabel, "nas fazendas de café de serra acima [Vale do Paraíba, RJ], ex-escravos cantaram sem parar por três dias e três noites" (esse refrão). Fonte: SILVA, Eduardo. *Dom Obá II, o Príncipe do Povo*. p.182:

"Eu pisei na pedra/ Pedra balanceou/ Mundo tava torto/ Rainha endireitou"

B) **Jongo** atribuído a Darcy Monteiro (o saudoso Mestre Darcy da Serrinha, 1932-2002), filho de Vovó Maria Joana (1902-1986), vinda de Valença no interior do Estado do Rio de Janeiro (região do Vale do Paraíba)

"Pisei na pedra/ Pedra balanceou/ Levanta meu povo/ Cativo se acabou"

C) **Lundu de Pai João** (s.XIX): de autoria desconhecida, provavelmente composto no século XIX, após 1837 (pela menção à Casa de Correção), já contém uma crítica à sociedade branca. Alguns versos circulam até hoje, reaproveitados em sambas e rodas de partido alto.

"Quando iô tava na minha tera
Iô chamava capitão
Chega na terra dim baranco
Iô me chama - Pai João

Quando iô tava na minha terá
Comia mia garinha,
Chega na terra dim baranco
Carne seca com farinha.

Quando iô tava na minha tera
Iô chamava generá,

Chega na terra dim baranco
Pega o cêto vai ganhá.

Dizaforo dim baranco
Nó si póri atura
Tá comendo, tá drumindo.
Manda nego trabaiá.

**Baranco dize quando more
Jesucrisso que levou,
E o pretinho quando more
Foi cachaça que matou**

(...)

Baranco dize – preto fruta,
Preto fruta co rezão;
Sinhô baranco também fruta
Quando panha casião.

Nosso preto fruta garinha
Fruta saco de fujão;
Sinhô baranco quando fruta
Fruta prata e patacão.

Nosso preto quando fruta
Vai pará na coreção,
Sinhô baranco quando fruta
Logo sai sinhô barão.”

D) Samba de Rubens da Mangueira, gravado por Beth Carvalho no CD “Pérolas do Pagode”, faixa 1 (1998 – Polygram):

“Ô, Isaura
pega na viola
o samba é bom
não vai terminar agora

Lá no Morro de Mangueira
Só não sobe quem não quer
Porque lá tem Tengo-Tengo
Santo Antônio e Chalé

**Todo rico quando morre
Foi porque Jesus levou
Todo pobre quando morre
Foi cachaça que matou.”**

Texto 009: Passagens sobre a questão racial – século XIX

O OLHAR DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS

A) O esquema racial de Gobineau

Natureza e data do texto: Apud DA MATTA, 1981:72

RAÇAS HUMANAS

	Negra	Amarela	Branca
Intelecto	Débil	Medíocre	Vigoroso
Propensões animais	Muito fortes	Moderadas	Fortes
Manifestações morais cultivadas	Parcialmente latentes	Comparativamente desenvolvidas	Altamente

B) Passagens das cartas de Gobineau (1869-70)

Natureza e data do texto:

O Conde de Gobineau (1816-1882) era um diplomata francês, famoso autor do *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853-55), obra de 4 volumes em que ele analisava o declínio de inúmeras civilizações, atribuindo-o a uma lei natural, a 'lei do declínio', que 'os nossos olhos podem ver, os nossos ouvidos podem ouvir, as nossas mãos podem tocar' (apud ARENDT, 1978:237). Ele concluía, inclusive, pelo desaparecimento do homem da face da Terra, devido à degenerescência causada pela mistura de sangue, na qual a raça inferior acabava por predominar. Suas idéias tiveram mais sucesso a partir do último quartel do século XIX e chegaram até à 2ª. Guerra Mundial. Embora possivelmente um conde impostor (seu título era duvidoso), Gobineau remontava sua genealogia ao deus germânico Odim, através de um pirata escandinavo. De abril de 1869 a maio de 1870, muito, muito a contragosto, este homem que achava 'também pertencer à raça dos deuses' foi encarregado de chefiar a legação diplomática francesa no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro. Em inúmeras cartas à esposa e a amigos, deu exemplos de como o Brasil era visto pelas lentes racistas e, ademais, mal-humoradas.

Os brasileiros:

'excetuando a família imperial, todos aqui são mais ou menos mulatos, e passam a vida com um palito nos cabelos e um cigarro atrás da orelha. O Rio é uma cidade grande e bonita, mas são os estrangeiros que fazem tudo por aqui. Os brasileiros evitam mover uma palha para fazer qualquer coisa de útil, até mesmo para se afogarem' (p. 32)

Salvo o imperador... :

'Salvo o imperador, não há ninguém neste deserto povoado de malandros.' (...) 'Uma população toda mulata, com sangue viciado, espírito viciado e feia de meter medo...' (...) 'Nenhum brasileiro é de sangue puro; as combinações dos casamentos entre brancos, indígenas e negros multiplicaram-

se a tal ponto que os matizes da carnação são inúmeros, e tudo isso produziu, nas classes baixas e nas altas, uma degenerescência do mais triste aspecto.'

'Já não existe nenhuma família brasileira que não tenha sangue negro e índio nas veias; o resultado são compleições raquíticas que, se nem sempre são repugnantes, são sempre desagradáveis aos olhos.'

'As melhores famílias têm cruzamentos com negros e índios. Estes produzem criaturas particularmente repugnantes, de um vermelho acobreado... A imperatriz tem três damas de honra: uma marrom, outra chocolate-claro, e a terceira, violeta.' (pp. 39-40)

Influências malsãs:

'Estou submetido a influências malsãs e excessivas. Minha extrema solidão, esta atmosfera só compatível a um banho de vapor perpétuo, este céu sempre cinzento e baixo, flores enormes de cores brilhantes atordoando-me os olhos, tantos negros, tantas negras, mulatos, mulatas de todos os lados, ninguém com quem falar, a não ser o imperador, estou-me tornando imbecil, tenho febre, um mal-estar universal e um cansaço constante...' (p.75)

C) Trechos do artigo *L'émigration au Brésil, de 1873*

Este artigo foi provavelmente redigido a pedido do imperador D.Pedro II, de forma a estimular a imigração para o Brasil.

"Pode-se duvidar da exatidão dos 11 a 12 milhões fornecidos pela estatística oficial. Ouvi estimativas muito mais baixas quanto ao total da população do Brasil, e alguns observadores que me pareciam competentes, e que apoiavam seus cálculos em deduções sensatas, não indicavam mais do que 9 milhões de almas. Mais ainda, no espaço de trinta anos, o número de 9 milhões foi o que sobrou de um total anterior de 10 milhões. Conseqüentemente, em trinta anos um milhão desapareceu. É interessante reconhecer este fato totalmente inexplicável. A grande maioria da população brasileira é mestiça e resulta de mesclagens contraídas entre os índios, os negros e um pequeno número de portugueses. Todos os países da América, seja no norte ou no sul, hoje mostram, incontestavelmente, que os mulatos de distintos matizes não se reproduzem além de um número limitado de gerações. A esterelidade nem sempre existe nos casamentos; mas os produtos da raça gradualmente chegam a ser tão malsãos e inviáveis que desaparecem antes de darem à luz, ou então deixam rebentos que não sobrevivem. (...)

Se tomarmos essa observação como base fixa para um cálculo de probabilidades, e se admitirmos, para evitar complicações, que a acumulação de misturas não precipita um movimento de aniquilação, o que não é provável, podemos concluir que, se um período de trinta anos culstou um milhão de habitantes ao Brasil, os nove milhões os quais terão desaparecido completamente, até o último homem, ao final de um período de 270 anos. (...) Aliás, o Brasil já se acostumou a tal espetáculo. Sem falar das numerosas tribos dos Guaranis, que não deixaram nada mais do que seus nomes no solo que possuíam há bem poucos anos ainda, algumas variedades mestiças, outrora muito conhecidas e capazes de desempenhar um importante papel, já não existem hoje; os mamelucos, por exemplo, do que, aliás, a província do Pará não chega a se lamentar. (...)' (pp.84-6)

Fonte: RAEDERS, Georges. *O Conde de Gobineau no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997. pp. 29; 32; 33-34; 37; 39-40

D) Louis Agassiz e a ‘deterioração decorrente do amálgama de raças’ (A *Journey in Brazil*, 1868)

Natureza e data do texto:

O famoso naturalista suíço (naturalizado americano) Louis Agassiz e sua mulher Elizabeth estiveram no Brasil entre 1865-6, tendo sido muito bem recebidos não somente pelo imperador e pelas autoridades, mas por inúmeros colaboradores em todo o Brasil. Agassiz veio, basicamente, para estudar e coletar espécies, afim de formar uma coleção nos EEUU (na Universidade de Harvard), no que foi extremamente bem sucedido graças à enorme boa vontade das populações locais. Elizabeth ficou encarregada de um diário, no qual há cartas e relatórios científicos do marido, e que serviu de ponto de partida para o livro. Ao contrário de Gobineau, os Agassiz nutriram uma enorme simpatia pelos brasileiros, mas isto não impediu Louis Agassiz de explicar o Brasil segundo sua teoria sobre as raças humanas, isto é, de que elas eram como espécies diferentes.

‘Que qualquer um que duvida dos males dessa mistura de raças, e se inclina, por malentendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separam – venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente do amálgama das raças, mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando, rapidamente, as melhores qualidades do branco, do negro e do índio, deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental.’

Fonte: SKIDMORE, pp.47-48.

A QUESTÃO DA IMIGRAÇÃO

E) Uma corrente de sangue caucásico

Joaquim Nabuco em O Abolicionismo (1883):

“ [um país] onde, atraída pela franqueza das nossas instituições e pela liberalidade do nosso regime, a imigração européia, traga sem cessar para os trópicos uma corrente de sangue caucásico vivaz, enérgico e sadio, que possamos absorver sem perigo...”

SKIDMORE: “os abolicionistas brasileiros falaram sobre o papel da raça na História. A maioria deles previu um processo ‘evolucionista’ com o elemento branco triunfando gradualmente” que estavam dispostos a acelerar estimulando a imigração européia e J.Nabuco é direto acerca disso.

Fonte: SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989. 2.ed. p.40

F) O relatório de Meneses e Sousa contra os chineses (1873)

Num relatório formal ao ministro da Agricultura (Teses sobre a colonização do Brasil; Projeto de solução das Questões Sociais que se prendem a este difícil problema; Relatório apresentado ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1873), o Barão de Parapiacaba, João Carlos Meneses e Sousa afirmou sobre os chineses:

“suco envelhecido e envenenado [de] constituições exaustas e degeneradas”

baseado na “verdade antropológica” de que a raça chinesa “é abastardada e faz degenerar a nossa”

Fonte: SKIDMORE, Thomas. p.41.

G) O relatório de Salvador de Mendonça “a favor” da imigração chinesa (década de 1870)

Encarregado pelo líder do governo liberal, o Visconde de Sinimbu, o cônsul-geral do Brasil investiga a imigração chinesa nos EEUU e escreve um memorandum no qual diz que os chineses são:

“trabalhadores inteligentes, frugais e industriais” e que deveriam vir os de Cantão “onde o clima é tropical, adaptar-se-iam rapidamente ao Brasil” mas, preconizava apenas uma “emigração transitória” porque os “chins” “não aprendem a amar a terra para a qual emigram” além de serem falsos, desconfiados, mentirosos e concupiscentes.

Fonte: SKIDMORE, pp.41-2.

H) Joaquim Nabuco contra a imigração chinesa (década 1880)

Em *O Abolicionismo* (1883), acha que uma onda chinesa serviria para “viciar e corromper ainda mais a nossa raça” (...)

E num discurso parlamentar (entre 1879-89) “Por limitada que fosse o Brasil seria inevitavelmente mongolizado, como foi africanizado, quando Salvador Correia de Sá fez vir os primeiros negros”. Perdiam para os negros em adaptabilidade e no fato de que não se deixavam assimilar. Capazes de sobreviver “nas piores condições possíveis” acabariam por ocupar qualquer país em que os deixassem entrar. Era contra os chineses:

“etnologicamente , porque vêm criar um conflito de raças e degradar as existentes no país; economicamente, porque não resolvem o problema da falta de braços; moralmente porque vêm introduzir na nossa sociedade essa lepra de vícios que infesta todas as cidades onde a imigração chinesa se estabelece; politicamente, afinal, porque em vez de ser a libertação do trabalho, não é senão o prolongamento ... do triste nível moral que o caracteriza e a continuação ao mesmo tempo da escravidão.”

Um deputado o apoiou: “Precisamos levantar o nível moral deste país”

E outro acrescentou: “O negro melhora-se, o *chin* é impossível”

Fonte: SKIDMORE, pp.42.

Texto 010: A vida no cortiço

Natureza e data do texto:

Passagens do romance naturalista *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Datado de 1890, ele enfoca, todavia, a vida das camadas populares no Rio de Janeiro antes da Abolição, mais ou menos por volta de 1870.

VI

Amanhecera um domingo alegre no cortiço, um bom dia de abril. Muita luz e pouco calor.

As tinas estavam abandonadas; os coradouros despídos. Tabuleiros e tabuleiros de roupa engomada saíam das casinhas, carregados na maior parte pelos filhos das próprias lavadeiras que se mostravam agora quase todas de fato limpo; os casaquinhos brancos avultavam por cima das saias de chita de cor. Desprezavam-se os grandes chapéus de palha e os aventais de aniagem; agora as portuguesas tinham na cabeça um lenço novo de ramagens vistosas e as brasileiras haviam penteado o cabelo e pregado nos cachos negros um ramallete de dois vinténs; aquelas trancavam no ombro xales de lã vermelha, e estas de crochê, de um amarelo desbotado. Viam-se homens de corpo nu, jogando a placa, com grande algazarra. Um grupo de italianos, assentado debaixo de uma árvore, conversava ruidosamente, fumando cachimbo. Mulheres ensaboavam os filhos pequenos debaixo da bica, muito zangadas, a darem-lhes murros, a praguejar, e as crianças berravam, de olhos fechados, esperneando. A casa da Machona estava num rebuliço, porque a família ia sair a passeio; a velha gritava, gritava Nenen, gritava o Agostinho. De muitas outras saíam cantos ou sons de instrumentos; ouviam-se harmônicas e ouviam-se guitarras, cuja discreta melodia era de vez em quando interrompida por um ronco forte de trombone.

Os papagaios pareciam também mais alegres com o domingo e lançavam das gaiolas frases inteiras, entre gargalhadas e assobios. À porta de diversos cômodos, trabalhadores descansavam, de calça limpa e camisa de meia lavada, assentados em cadeira, lendo e soletrando jornais ou livros; um declamava em voz alta versos de “Os Lusíadas; com um empenho feroz, que o punha rouco. Transparecia neles o prazer da roupa mudada depois de uma semana no corpo. As casinhas fumegavam um cheiro bom de refogados de carne fresca fervendo ao fogo. Do sobrado do Miranda só as duas últimas janelas já estavam abertas e, pela escada que descia para o quintal, passava uma criada carregando baldes de águas servidas. Sentia-se naquela quietação de dia inútil a falta do resfolegar aflito das máquinas da vizinhança, com que todos estavam habituados. Para além do solitário capinzal do fundo a pedreira parecia dormir em paz o seu sono de pedra; mas, em compensação, o movimento era agora extraordinário à frente da estalagem e à entrada da venda. Muitas lavadeiras tinham ido para o portão, olhar quem passava; ao lado delas o Albino, vestido de branco, com o seu lenço engomado ao pescoço, entretinha-se a chupar balas de açúcar, que comprara ali mesmo ao tabuleiro de um baleiro freguês do cortiço.

Dentro da taverna, os martelos de vinho branco, os copos de cerveja nacional e os dois vinténs de parati ou *laranjinha* sucediam-se por cima do balcão, passando das mãos do Domingos e do Manuel para as mãos ávidas dos operários e dos trabalhadores, que os recebiam com estrondosas exclamações de pândega. A Isaura, que fora num pulo tomar o seu primeiro capilé, via-se tonta com os apalpões que lhe davam. Leonor não tinha um instante de sossego, saltando de um lado para outro, com uma agilidade de mono, a fugir dos punhos calosos dos cavouqueiros que, entre risadas, tentavam agarrá-la; e insistia na sua ameaça do costume: “que se queixava ao juiz de orfe”, mas não se ia embora, porque defronte da venda viera estacionar um homem que tocava cinco instrumentos ao mesmo tempo, com um acompanhamento desafinado de bombo, pratos e guizos.

Eram apenas oito horas e já muita gente comia e palavreava na casa de pasto ao lado da venda. João Romão, de roupa mudada como os outros, mas sempre em mangas de camisa, aparecia de espaço em espaço, servindo os comensais; e a Bertoleza, sempre suja e tisonada, sempre sem domingo nem dia santo, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos.

Um acontecimento, porém, veio revolucionar alegremente toda aquela confederação da estalagem. Foi a chegada da Rita Baiana, que voltava depois de uma ausência de meses, durante a qual só dera notícias suas nas ocasiões de pagar o aluguel do cômodo. (...)

E entre a alegria levantada pela sua reparição no cortiço, a Rita deu conta de que pintara na sua ausência; disse o muito que festou em Jacarepaguá; o entrudo que fizera pelo carnaval. Três meses de folia! E, afinal abaixando a voz, segredou às companheiras que à noite teriam um pagodinho de violão. Podiam contar como certo!

Esta última notícia causou verdadeiro júbilo no auditório. As patuscadas da Rita Baiana eram sempre as melhores da estalagem. Ninguém como o diabo da mulata para armar uma função que ia pelas tantas da madrugada, sem saber a gente como foi que a noite se passou tão depressa. Além de que “era aquela franqueza! enquanto houvesse dinheiro ou crédito, ninguém morria com a tripa marcha ou com a goela seca!”

VII

(...) Nisto começou a gemer à porta do 35 uma guitarra; era de Jerônimo. Depois da ruidosa alegria e do bom humor, em que palpitara àquela tarde toda a república do cortiço, ela parecia ainda mais triste e mais saudosa do que nunca:

“Minha vida tem desgostos,
Que só eu sei compreender...
Quando me lembro da terra
Parece que vou morrer...”

E, com o exemplo da primeira, novas guitarras foram acordando. E, por fim, a monótona cantiga dos portugueses enchia de uma alma desconsolada o vasto arraial da estalagem, contrastando com a barulhenta alacridade que vinha lá de cima, do sobrado do Miranda.

“Terra minha, que te adoro,
Quando é que eu te torno a ver?
Leva-me deste desterro;
Basta já de padecer.”

Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho do Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor; música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo.

E aquela música de fogo doidejava no ar como um aroma quente de plantas brasileiras, em torno das quais se nutrem, girando, moscardos sensuais e besouros venenosos, freneticamente, bêbedos do delicioso perfume que os mata de volúpia.

E à viva crepitação da música baiana calaram-se as melancólicas toadas dos de além-mar. Assim à refulgente luz do trópicos amortece a fresca e doce claridade dos céus da Europa, como se o próprio sol americano, vermelho e esbraseado, viesse, na sua luxúria de sultão, beber a lágrima medrosa da decaída rainha dos mares velhos.

Jerônimo alheou-se de sua guitarra e ficou com as mãos esquecidas sobre as cordas, todo atento para aquela música estranha, que vinha dentro dele continuar uma revolução começada desde a primeira vez em que lhe bateu em cheio no rosto, como uma bofetada de desafio, a luz deste sol orgulhoso e selvagem, e lhe cantou no ouvido o estribilho da primeira cigarra, e lhe acidulou a garganta o suco da primeira fruta provada nestas terras de brasa, e lhe entonteceu a alma o aroma do primeiro bogari, e lhe transtornou o sangue o cheiro animal da primeira mulher, da primeira mestiça, que junto dele sacudiu as saias e os cabelos.

— Que tens tu, Jeromo?... perguntou-lhe a companheira, estranhando-o.

— Espera, respondeu ele, em voz baixa: deixa ouvir!

Firmo principiava a cantar o chorado, seguido por um acompanhamento de palmas.

Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, e seguido por Piedade, aproximou-se da grande roda que se formara em torno dos dois mulatos. Ai, de queixo grudado às costas das mãos contra uma cerca de jardim, permaneceu, sem tugar nem mugir, entregue de corpo e alma àquela cantiga sedutora e voluptuosa que o enleava e tolhia, como à robusta gameleira brava o cipó flexível, carinhoso e traiçoeiro.

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua coma de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, tirilando.

Em torno o entusiasmo tocava ao delírio; um grito de aplausos explodia de vez em quando, rubro e quente como deve ser um grito saído do sangue. E as palmas insistiam, cadentes, certas, num ritmo nervoso, numa persistência de loucura. E, arrastado por ela, pulou à arena o Firmo, ágil, de borracha, a fazer coisas fantásticas com as pernas, a derreter-se todo, a sumir-se no chão, a ressurgir inteiro com um pulo, os pés no espaço, batendo os calcanhares, os braços a querer fugirem-lhe dos ombros, a cabeça a querer saltar-lhe. E depois, surgiu também a Florinda, e logo o Albino e até, quem diria! o grave e circunspecto Alexandre.

O chorado arrastava-os a todos, despoticamente, desesperando aos que não sabiam dançar. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedas pela

saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Isto era o que Jerônimo sentia, mas o que o tonto não podia conceber. De todas as impressões daquele resto de domingo só lhe ficou no espírito o entorpecimento de uma desconhecida embriaguez, não de vinho, mas de mel chuchurreado no cálice de flores americanas, dessas muito alvas, cheirosas e úmidas, que ele na fazenda via debruçadas confidencialmente sobre os limosos pântanos sombrios, onde as oiticicas trescalam um aroma que entristece de saudade.

E deixava-se ficar, olhando. Outras raparigas dançaram, mas o português só via a mulata, mesmo quando, prostrada, fora cair nos braços do amigo. Piedade, a cabecear de sono, chamara-o várias vezes para se recolherem; ele respondeu com um resmungo e não deu pela retirada da mulher.

Passaram-se horas, e ele também não deu pelas horas que fugiram.

O círculo do pagode aumentou: vieram de lá defronte a Isaura e a Leonor, o João Romão e a Bertoleza, desembaraçados da sua faina, quiseram dar fé da patuscada um instante antes de caírem na cama; a família do Miranda pusera-se à janela, divertindo-se com a gentalha da estalagem; reunira povo lá fora na rua; mas Jerônimo nada vira de tudo isso; nada vira senão uma coisa, que lhe persistia no espírito: a mulata ofegante a resvalar voluptuosamente nos braços do Firmo.

Só deu por si, quando, já pela madrugada, se calaram de todo os instrumentos e cada um dos folgadores se recolheu à casa.

E viu a Rita levada para o quarto pelo seu homem, que a arrastava pela cintura.

Jerônimo ficou sozinho no meio da estalagem. A lua, agora inteiramente livre das nuvens que a perseguiram, lá ia caminhando em silêncio na sua viagem misteriosa. As janelas do Miranda fecharam-se. A pedreira, ao longe, por detrás da última parede do cortiço, erguia-se como um monstro iluminado na sua paz. Uma quietação densa pairava já sobre tudo; só se distinguiam o bruxulear dos pirilampos na sombra das hortas e dos jardins, e os murmúrios das árvores que sonhavam.

Mas Jerônimo nada mais sentia, nem ouvia, do que aquela música embalsamada de baunilha, que lhe entontecera a alma; e compreendeu perfeitamente que dentro dele aqueles cabelos crespos, brilhantes e cheirosos, da mulata, principiavam a formar um ninho de cobras negras e venenosas, que lhe iam devorar o coração.

E, erguendo a cabeça, notou no mesmo céu, que ele nunca vira senão depois de sete horas de sono, que era já quase ocasião de entrar para o seu serviço, e resolveu não dormir, porque valia a pena esperar de pé."

X

Mas nisto um estardalhaço de formidáveis pranchadas estrugiu no portão da estalagem. O portão abalou com estrondo e gemeu.

— Abre! Abre! reclamavam de fora.

João Romão atravessou o pátio, como um general em perigo, gritando a todos:

— Não entra a polícia! Não deixa entrar! Agüenta! Agüenta!

— Não entra! Não entra! repercutiu a multidão em coro.

E todo o cortiço ferveu que nem uma panela ao fogo.

— Agüenta! Agüenta!

Jerônimo foi carregado para o quarto, a gemer, nos braços da mulher e da mulata.

— Agüenta! Agüenta!

De cada casulo espipavam homens armados de pau, achas de lenha, varais de ferro. Um empenho coletivo os agitava agora, a todos, numa solidariedade briosa, como se fossem desonrados para sempre se a polícia entrasse ali pela primeira vez. Enquanto se tratava de uma simples luta entre dois rivais, estava direito! “Jogassem lá as cristas, que o mais homem ficaria com a mulher!” mas agora tratava-se de defender a estalagem, a comuna, onde cada um tinha a zelar por alguém ou alguma coisa querida.

— Não entra! Não entra!

E berros atroadores respondiam às pranchadas, que lá fora se repetiam ferozes.

A polícia era o grande terror daquela gente, porque, sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estropício; à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho.

E, enquanto os homens guardavam a entrada do capinzal e sustentavam de costas o portão da frente, as mulheres, em desordem, rolavam as tinas, arrancavam jiraus, arrastavam carroças, restos de colchões e sacos de cal, formando às pressas uma barricada.

As pranchadas multiplicavam-se. O portão rangia, estalava, começava a abrir-se; ia ceder. Mas a barricada estava feita e todos entrincheirados atrás dela. Os que entravam de fora por curiosidade não puderam sair e viam-se metidos no surumbamba. As cercas das hortas voaram. A Machona terrível fungara as saias e empunhava na mão o seu ferro de engomar. A das Dores, que ninguém dava nada por ela, era uma das mais duras e que parecia mais empenhada na defesa.

Afinal o portão lascou; um grande rombo abriu-se logo; caíram tábuas; e os quatro primeiros urbanos que se precipitaram dentro foram recebidos a pedradas e garrafas vazias. Seguiram-se outros. Havia uns vinte. Um saco de cal, despejado sobre eles, desnordeou-os.

Principiou então o salseiro grosso. Os sabres não podiam alcançar ninguém por entre a trincheira; ao passo que os projetis, arremessados lá de dentro, desbaratavam o inimigo. Já o sargento tinha a cabeça partida e duas praças abandonavam o campo, à falta de ar.

Era impossível invadir aquele baluarte com tão poucos elementos, mas a polícia teimava, não mais por obrigação que por necessidade pessoal de desforço. Semelhante resistência os humilhava. Se tivessem espingardas fariam fogo. O único deles que conseguiu trepar à barricada rolou de lá abaixo sob uma carga de pau que teve de ser carregado para a rua pelos companheiros. O Bruno, todo sujo de sangue, estava agora armado de um refle e o Porfiro, mestre na capoeiragem, tinha na cabeça uma barretina de urbano.

— Fora os morcegos!

— Fora! Fora!

E, a cada exclamação, tome pedra! tome lenha! tome cal! tome fundo de garrafa!

Os apitos estridulavam mais e mais fortes.

Nessa ocasião, porém, Nenen gritou, correndo na direção da barricada.

— Acudam aqui! Acudam aqui! Há fogo no número 12. Está saindo fumaça!

— Fogo!

A esse grito um pânico geral apoderou-se dos moradores do cortiço. Um incêndio lamberia aquelas cem casinhas enquanto o diabo esfrega um olho!

Fez-se logo medonha confusão. Cada qual pensou em salvar o que era seu. E os policiais, aproveitando o terror dos adversários, avançaram com ímpeto, levando na frente o que encontravam e penetrando enfim no infernal reduto, a dar espadeiradas para a direita e para a esquerda, como quem destroça uma boiada. A multidão atropelava-se, desembestando num alarido. Uns fugiam à prisão; outros cuidavam em defender a casa. Mas as praças, loucas de cólera, metiam dentro as portas e iam invadindo e quebrando tudo, sequiosas de vingança.

Nisto, roncou no espaço a trovoada. O vento do norte zuniu mais estridente e um grande pé-d'água desabou cerrado.

XIII

À proporção que alguns locatários abandonavam a estalagem, muitos pretendentes surgiam disputando os cômodos desalugados. Delporto e Pompeo foram varridos pela febre amarela e três outros italianos estiveram em risco de vida. O número dos hóspedes crescia; os casulos subdividiam-se em cubículos do tamanho de sepulturas; e as mulheres iam despejando crianças com uma regularidade de gado procriador. Uma família; composta de mãe viúva e cinco filhas solteiras, das quais destas a mais velha tinha trinta anos e a mais moça quinze, veio ocupar a casa que Dona Isabel esvaziou poucos dias depois do casamento de Pombinha.

Agora, na mesma rua, germinava outro cortiço ali perto, o “Cabeça-de-Gato”. Figurava como seu dono um português que também tinha venda, mas o legítimo proprietário era um abastado conselheiro, homem de gravata lavada, a quem não convinha, por decoro social, aparecer em semelhante gênero de especulações. E João Romão, estalando de raiva, viu que aquela nova república da miséria prometia ir adiante e ameaçava fazer-lhe à sua, perigosa concorrência. Pôs-se logo em campo, disposto à luta, e começou a

perseguir o rival por todos os modos, peitando fiscais e guardas municipais, para que o não deixassem respirar um instante com multas e exigências vexatórias; enquanto pela sorrelfa plantava no espírito dos seus inquilinos um verdadeiro ódio de partido, que os incompatibilizava com a gente do “Cabeça-de-Gato”. Aquele que não estivesse disposto a isso ia direitinho para a rua, “que ali se não admitiam meias medidas a tal respeito! Ali: ou bem peixe ou bem carne! Nada de embrulho!” É inútil dizer que a parte contrária lançou mão igualmente de todos os meios para guerrear o inimigo, não tardando que entre os moradores da duas estalagens rebentasse uma tremenda rivalidade, dia a dia agravada por pequenas brigas e rezingas, em que as lavadeiras se destacavam sempre com questões de freguesia de roupa. No fim de pouco tempo os dois partidos estavam já perfeitamente determinados; os habitantes do “Cabeça-de-Gato” tomaram por alcunha o título do seu cortiço, e os de “São Romão”, tirando o nome do peixe que a Bertoleza mais vendia à porta da taverna, foram batizados por “Carapicus”. Quem se desse com um carapicu não podia entreter a mais ligeira amizade com um cabeça-de-gato; mudar-se alguém de uma estalagem para outra era renegar idéias e princípios e ficava apontado a dedo; denunciar a um contrário o que se passava, fosse o que fosse, dentro do círculo oposto, era cometer traição tamanha, que os companheiros a puniam a pau. Um vendedor de peixe, que caiu na asneira de falar a um cabeça-de-gato a respeito de uma briga entre a Machona e sua filha, a das Dores, foi encontrado quase morto perto do cemitério de São João Batista. Alexandre, esse então não cochilava com os adversários: nas suas partes policiais figurava sempre o nome de um deles pelo menos, mas entre os próprios policiais havia adeptos de um e de outro partido; o urbano que entrava na venda do João Romão tinha escrúpulo de tomar qualquer coisa ao balcão da outra venda. Em meio do pátio do “Cabeça-de-Gato” arvorara-se uma bandeira amarela; os carapicus responderam logo levantando um pavilhão vermelho. E as duas cores olhavam-se no ar como um desafio de guerra.

A batalha era inevitável. Questão de tempo.

Firmo, assim que se instaurara a nova estalagem, abandonou o quarto na oficina e meteu-se lá de súcia com o Porfiro, apesar da oposição de Rita, que mais depressa o deixaria a ele do que aos seus velhos camaradas de cortiço. Daí nasceu certa ponta de discórdia entre os dois amantes; as suas entrevistas tornavam-se agora mais raras e mais difíceis. A baiana, por coisa alguma desta vida, poria os pés no “Cabeça-de-Gato” e o Firmo achava-se, como nunca, incompatibilizado com os carapicus. Para estarem juntos tinham encontros misteriosos num caloji de uma velha miserável da Rua de São João Batista, que lhe cedia a cama mediante esmolas. O capoeira fazia questão de ficar no “Cabeça-de-Gato”, porque aí se sentia resguardado contra qualquer perseguição que o seu delito motivasse; de resto, Jerônimo não estava morto e, uma vez bem curado, podia vir sobre ele com gana. No “Cabeça-de-Gato”, o Firmo conquistara rápidas simpatias e constituíra-se chefe de malta. Era querido e venerado; os companheiros tinham entusiasmo pela sua destreza e pela sua coragem; sabiam-lhe de cor a legenda rica de façanhas e vitórias. O Porfiro secundava-o sem lhe disputar a primazia, e estes dois, só por si, impunham respeito aos carapicus, entre os quais, não obstante, havia muito boa gente para o que desse e viesse.

XVI

(...) E as palavras "galego" e "cabra" cruzaram-se de todos os pontos, como bofetadas. Houve um vavau rápido e surdo, e logo em seguida um formidável rolo, um rolo a valer, não mais de duas mulheres, mas de uns quarenta e tantos homens de pulso, rebentou como um terremoto. As cercas e os jiraus desapareceram do chão e estilhaçaram-se no ar, estalando em descarga; ao passo que numa berraria infernal, num fecha-fecha de formigueiro em guerra, aquela onda viva ia arrastando o que topava no caminho; barracas e tinas, baldes, regadores e caixões de planta, tudo rolava entre aquela centena de pernas confundidas e doidas. Das janelas do Miranda apitava-se com fúria; da rua, em todo o quarteirão, novos apitos respondiam; dos fundos do cortiço e pela frente surgia povo e mais povo. O pátio estava quase cheio; ninguém mais se entendia; todos davam e todos apanhavam; mulheres e crianças berravam. João Romão, clamando furioso, sentia-se impotente para conter semelhantes demônios. "Fazer rolo aquela hora, que imprudência!" Não conseguiu fechar as portas da venda, nem o portão da estalagem; guardou às pressas na barra o que havia em dinheiro na gaveta, e, armando-se com uma tranca de ferro, pôs-se de sentinela às prateleiras, disposto a abrir o casco ao primeiro que se animasse a saltar-lhe o balcão. Bertoleza, lá dentro na cozinha, aprontava uma grande chaleira de água quente, para defender com ela a propriedade do seu homem. E o rolo a ferver lá fora, cada vez mais inflamado com um terrível sopro de rivalidade nacional. Ouviam-se, num clamor de pragas e gemidos, vivas a Portugal e vivas ao Brasil. De vez em quando, o povaréu, que continuava a crescer, afastava-se em massa, rugindo de medo, mas tornava logo, como a onda no refluxo dos mares. A polícia apareceu e não se achou com animo de entrar, antes de vir um reforço de praças, que um permanente fora buscar a galope.

E o rolo fervia.

Mas, no melhor da lata, ouvia-se na rua um coro de vozes que se aproximavam das bandas do "Cabeça-de-Gato". Era o canto de guerra dos capoeiras do outro cortiço, que vinham dar batalha aos carapicus, pra vingar com sangue a morte de Firmo, seu chefe de malta.

XVII

Mal os carapicus sentiram a aproximação dos rivais, um grito de alarma ecoou por toda a estalagem e o rolo dissolveu-se de improviso, sem que a desordem cessasse. Cada qual correu à casa, rapidamente, em busca do ferro, do pau e de tudo que servisse para resistir e para matar. Um só impulso os impelia a todos; já não havia ali brasileiros e portugueses, havia um só partido que ia ser atacado pelo partido contrário; os que se batiam ainda há pouco emprestavam armas uns aos outros, limpando com as costas das mãos o sangue das feridas. Agostinho, encostado ao lampião do meio do cortiço, cantava em altos berros uma coisa que lhe parecia responder à música bárbara que entoavam lá fora os inimigos; a mãe dera-lhe licença, a pedido dele, para pôr um cinto de Nenen, em que o pequeno enfiou a faca da cozinha. Um mulatinho franzino, que até ai não fora notado por ninguém no São Romão, postou-se defronte da entrada, de mãos limpas, à espera dos invasores; e todos tiveram confiança nele porque o ladrão, além de tudo, estava rindo.

Os cabeças-de-gato assomaram afinal ao portão. Uns cem homens, em que se não via a arma que traziam. Porfiro vinha na frente, a dançar, de braços abertos, bamboleando o corpo e dando rasteiras para que ninguém lhe estorvasse a entrada. Trazia o chapéu à ré, com um laço de fita amarela flutuando na copa.

— Agüenta! Agüenta! Faz frente! clamavam de dentro os carapicus.

E os outros, cantando o seu hino de guerra, entraram e aproximaram-se lentamente, a dançar como selvagens.

As navalhas traziam-nas abertas e escondidas na palma da mão.

Os carapicus enchiam a metade do cortiço. Um silêncio arquejado sucedia à estrepitosa vozeria do rolo que findara. Sentia-se o hausto impaciente da ferocidade que atirava aqueles dois bandos de capoeiras um contra o outro. E, no entanto, o sol, único causador de tudo aquilo, desaparecia de todo nos limbos do horizonte, indiferente, deixando atrás de si as melancolias do crepúsculo, que é a saudade da terra quando ele se ausenta, levando consigo a alegria da luz e do calor.

Lá na janela do Barão, o Botelho, entusiasmado como sempre por tudo que lhe cheirava a guerra, soltava gritos de aplauso e dava brados de comando militar.

E os cabeças-de-gato aproximavam-se cantando, a dançar, rastejando alguns de costas para o chão, firmados nos pulsos e nos calcanhares.

Dez carapicus saíram em frente; dez cabeças-de-gato se alinharam defronte deles.

E a batalha principiou, não mais desordenada e cega, porém com método, sob o comando de Porfiro que, sempre a cantar ou assoviar, saltava em todas as direções, sem nunca ser alcançado por ninguém.

Desferiram-se navalhas contra navalhas, jogaram-se as cabeçadas e os voa-pés. Par a par, todos os capoeiras tinham pela frente um adversário de igual destreza que respondia a cada investida com um salto de gato ou uma queda repentina que anulava o golpe. De parte a parte esperavam que o cansaço desequilibrasse as forças, abrindo furo à vitória; mas um fato veio neutralizar inda uma vez a campanha: imenso rebentão de fogo esgargalhava-se de uma das casas do fundo, o número 88. E agora o incêndio era a valer.

XXII

E a mísera, sem chorar, foi refugiar-se, junto com a filha, no "Cabeça-de-Gato" que, à proporção que o São Romão se engrandecia, mais e mais ia-se rebaixando acanalhado, fazendo-se cada vez mais torpe, mais abjeto, mais cortiço, vivendo satisfeito do lixo e da salsugem que o outro rejeitava, como se todo o seu ideal fosse conservar inalterável, para sempre, o verdadeiro tipo da estalagem fluminense, a legítima, a legendária; aquela em que há um samba e um rolo por noite; aquela em que se matam homens sem a polícia descobrir os assassinos; viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem

misturados com as irmãs na mesma lama; paraíso de vermes, brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão.

XXIII

À porta de uma confeitaria da Rua do Ouvidor, João Romão, apurado num fato novo de casimira clara, esperava pela família do Miranda, que nesse dia andava em compras.

Eram duas horas da tarde e um grande movimento fazia-se ali. O tempo estava magnífico; sentia-se pouco calor. Gente entrava e saía, a passo frouxo, da Casa Pascoal. Lá dentro janotas estacionavam de pé, soprando o fumo dos charutos, à espera que desocupassem uma das mesinhas de mármore preto; grupos de senhoras, vestidas de seda, faziam lanche com vinho do Porto. Respirava-se um cheiro agradável de essências e vinagres aromáticos; havia um rumor quente e garrido, mas bem-educado; namorava-se forte, mas com disfarce, furtando-se olhares no complicado encontro dos espelhos; homens bebiam ao balcão e outros conversavam, comendo empadinhas junto às estufas; algumas pessoas liam já os primeiros jornais da tarde; serventes, muito atarefados, despachavam compras de doces e biscoitos e faziam, sem descansar, pacotes de papel de cor, que os compradores levavam pendurados num dedo. Ao fundo, de um dos lados do salão, aviavam-se grandes encomendas de banquetes para essa noite, traziam-se lá de dentro, já prontas, torres e castelos de balas e trouxas d'ovos e imponentes peças de cozinha caprichosamente enfeitadas; criados desciam das prateleiras as enormes baixelas de metal branco, que os companheiros iam embalando em caixões com papel fino picado. Os empregados das secretarias públicas vinham tomar o seu vermute com sifão; repórteres insinuavam-se por entre os grupos dos jornalistas e dos políticos, com o chapéu à ré, ávidos de notícias, uma curiosidade indiscreta nos olhos. João Romão, sem deixar a porta, apoiado no seu guarda-chuva de cabo de marfim, recebia cumprimentos de quem passava na rua; alguns paravam para lhe falar. Ele tinha sorrisos e oferecimentos para todos os lados; e consultava o relógio de vez em quando.

Mas a família do Barão surgiu afinal. Zulmira vinha na frente, com um vestido cor de palha justo ao corpo, muito elegante no seu tipo de fluminense pálida e nervosa; logo depois Dona Estela, grave, toda de negro, passo firme e ar severo de quem se orgulha das suas virtudes e do bom cumprimento dos seus deveres. O Miranda acompanhava-as de sobrecasaca, fitinha ao peito, o colarinho até ao queixo, botas de verniz, chapéu alto e bigode cuidadosamente raspado. Ao darem com João Romão, ele sorriu e Zulmira também; só Dona Estela conservou inalterável a sua fria máscara de mulher que não dá verdadeira importância senão a si mesma.

O ex-taverneiro e futuro visconde foi, todavia, ao encontro deles, cheio de solicitude, descobrindo-se desde logo e convidando-os com empenho a que tomassem alguma coisa.

Entraram todos na confeitaria e apoderaram-se da primeira mesa que se esvaziou. Um criado acudiu logo e João Romão, depois de consultar Dona Estela, pediu sanduíches, doces e moscatel de Setúbal. Mas Zulmira reclamou

sorvete e licor. E só esta falava; os outros estavam ainda à procura de um assunto para a conversa; afinal o Miranda que, durante esse tempo contemplava o teto e as paredes, fez algumas considerações sobre as reformas e novos adornos do salão da confeitaria. Dona Estela dirigiu, de má, a João Romão várias perguntas sobre a companhia lírica, o que confundiu por tal modo ao pobre do homem, que o pôs vermelho e o desnor-teou de todo. (...)

Quando se levantaram, João Romão deu o braço a Zulmira e o Barão à mulher, e seguiram todos para o Largo de São Francisco, lentamente, em andar de passeio, acompanhados pelo parasita. Lá chegados, Miranda queria que o vizinho aceitasse um lugar no seu carro, mas João Romão tinha ainda que fazer na cidade e pediu dispensa do obséquio. (...)

O jantar correu frio e contrafeito; os dois sentiam-se ligeiramente dominados por um vago sobressalto. João Romão foi pouco além da sopa e quis logo a sobremesa.

Tomavam café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

— Vou já, respondeu este. E acrescentou para o Botelho: — São eles!

— Deve ser, confirmou o velho.

E desceram logo.

— Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

— Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...

— É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

— Mas imediatamente.

— Onde está ela?

— Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sina! aos dois urbanos, que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação;

adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo.

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

— É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca! trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas."

Texto 011: A Proclamação da República segundo Raul Pompéia

Natureza e data do texto:

Raul Pompéia, abolicionista e republicano entusiasmado, forma-se em Direito (São Paulo-Recife) e começa a publicar em inúmeros jornais. Chega a acusar o imperador D. Pedro II de estupro por ocasião do episódio conhecido como "O roubo das jóias da Coroa" (1882, ver Schwarcz, L. *As barbas do imperador*. São Paulo, Cia das Letras, 1998. Pp. 425ss. Simpatizante de Floriano Peixoto, durante o enterro do marechal faz um exaltado discurso. É combatido e demitido da direção da Biblioteca Nacional. Suicida-se (1895). É autor de várias obras, dentre as quais a mais famosa é *O Ateneu* (1888). Durante anos publicou a coluna *Vida na Corte*, da qual se segue a crônica referente ao dia 15 de novembro de 1889.

"Tenho apenas tempo de arranjar uma nota do dia, rascunhada sobre o joelho, num rápido intervalo da vertigem dos acontecimentos que constituem hoje, 15 de novembro, a *Vida na Corte*.

Na Corte, se nos é permitido ainda designar com esta denominação monárquica a capital da pátria brasileira.

Como aos leitores devem ter informado, quando se publicar esta nota, os telegramas desta folha e a leitura ávida das folhas do Rio de Janeiro, o elemento militar, unido em formidável movimento de solidariedade, derribou o ministério Afonso Celso.

O aspecto da cidade, na manhã de hoje, foi o mais extraordinário e imponente que se poderia imaginar.

Depois de intimarem o governo a retirada do poder, as tropas desfilaram pela cidade em marcha triunfal.

É indescritível o entusiasmo das praças no delírio da vitória recente.

Nas fileiras da infantaria, sobre o galope irrefreável dos bravos ginetes da cavalaria, de cima dos bancos das carretas da artilharia carregadas de caixas de munições, os soldados esqueciam-se da disciplina para expandir-se em vivas à nação brasileira, em saudações calorosas ao povo.

A multidão, fraternizando com a força pública, enchia o espaço com o rumor de estrondosas aclamações.

Depois do passeio, em que impressionou profundamente a união de todos os corpos militares da cidade, cavalaria de lanceiros, cavalaria de carabineiros, artilharia montada, todos os batalhões de infantaria e artilharia, escolas militares, imperiais marinheiros, fuzileiros navais, até o corpo de polícia da Corte, oitocentas praças que foram mandadas contra o general Deodoro e que se entregaram ao comando da sua espada, os soldados recolheram aos quartéis na maior ordem.

Depois da poderosa exibição guerreira das marchas da manhã, aquela festa de entusiasmo de homens robustos fardados de negro, sacudindo ao sol o brilho das espadas e das baionetas, através de um tumulto de carros de artilharia sobre o calçamento e toques de clarins e alvoroçados clamores, foi notável o grande dia de sossego que se seguiu na cidade.

Não há notícia da menor desordem.

Os diretores do movimento revolucionário reunidos em casa do general Deodoro no Campo de Santana, em duas longas conferências deliberaram a respeito da constituição do Governo Provisório e das primeiras medidas de

garantia da segurança pública. Durante essas conferências, circulavam pela cidade as graves notícias das resoluções da comissão de salvação pública, naturalmente firmada pelos valentes iniciadores da revolução, como a prisão do ex-presidente do Conselho, prisão do sr. Cândido de Oliveira, detenção em um dos portos do Sul do sr. Silveira Martins, de viagem para esta cidade; constava ao mesmo tempo o sobressalto do imperador, da princesa imperial, a recusa do convite endereçado ao general Deodoro pelo imperador por intermédio dos srs. Correia e Dantas, para apresentar-se à conferência. Apesar da gravidade da situação, do caráter excepcional das notícias e dos boatos, a fisionomia geral da cidade é a do completo repouso e da absoluta paz.

Às onze e meia da noite, à porta do *Diário de Notícias*, foi afixado o boletim com a lista dos ministros do Governo Provisório.

Circunstância interessante: nessa hora, o sossego público, assegurado pela distribuição de rigorosa polícia organizada pela revolução vitoriosa, o sossego público era tão perfeito que não houve quase povo para tomar conhecimento da grande notícia.

Passada a agitação deste momento, enviarei em crônica completa uma impressão mais minuciosa dos acontecimentos.

15 de novembro de 1889.

O Farol. Juiz de Fora, MG, 17 de novembro de 1889.

Fonte: *Crônicas do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1996. Coleção Biblioteca Carioca. pp.91-92.

Texto 012: A Proclamação da República segundo Artur Azevedo

Natureza e data do texto:

Pequeno conto de uma antologia de textos escritos entre o fim do século XIX e início do XX. Este, como outros, foi escrito para ser publicado em jornal. Artur Azevedo (1855-1908), irmão de Aluísio Azevedo (autor de *O cortiço*), foi um teatrólogo (autor de *O Tribofê*) e jornalista extremamente popular na sua época.

"O VELHO LIMA

O velho Lima, que era empregado - empregado antigo - numa das nossas repartições públicas, e morava no Engenho de Dentro, caiu de cama, seriamente enfermo, no dia 14 de novembro de 1889, isto é, na véspera da proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil.

O doente não considerou a moléstia coisa de cuidado, e tanto assim foi que não quis médico: bastaram-lhe alguns remédios caseiros, carinhosamente administrados por uma nédia mulata que há vinte e cinco anos lhe tratava com igual solicitude do amor e da cozinha. Entretanto, o velho Lima esteve de molho oito dias.

O nosso homem tinha o hábito de não ler jornais e, como em casa nada lhe dissessem (porque nada sabiam), ele ignorava completamente que o Império se transformara em República.

No dia 23, restabelecido e pronto para outra, comprou um bilhete, segundo o seu costume, e tomou lugar no trem, ao lado do Comendador Vidal, que o recebeu com estas palavras.

- Bom dia, cidadão.

O velho Lima estranhou o *cidadão*, mas de si para si pensou que o comendador dissera aquilo como poderia ter dito ilustre, e não deu maior importância ao cumprimento, limitando-se a responder!

- Bom dia, comendador.

- Qual comendador! Chama-me Vidal! Já não há comendadores!

- Ora essa! Então por quê?

- A República deu cabo de todas as comendas! Acabaram-se!...

Passados alguns segundos, perguntou-lhe o outro:

- Como vai você com o Aristides ?

- Que Aristides ?

- O Silveira Lobo.

- Eu! ... Onde? ... Como? ...

- Que diabo! Pois o Aristides não é o seu ministro? Você não é empregado de uma repartição do Ministério do Interior? ...

Desta vez não ficou dentro do espírito do velho Lima a menor dúvida de que o comendador houvesse enlouquecido.

- Que estará fazendo a estas horas o Pedro II? - perguntou Vidal, passados alguns momentos. - Sonetos, naturalmente, que é do que mais se ocupa aquele tipo!

'Ora vejam', refletiu o velho Lima, 'ora vejam o que é perder a razão: este homem quando estava no seu juízo era tão monarquista, tão amigo do imperador!'

Entretanto, o velho indignou-se, vendo que o delegado de sua freguesia, sentado no trem, defronte dele, aprovava com um sorriso a perfídia do comendador.

- Uma autoridade policial! murmurou o velho Lima.

E o comendador acrescentou:

- Eu só quero ver como o ministro brasileiro recebe o Pedro II em Lisboa; ele deve lá chegar no princípio do mês.

O velho Lima comovia-se:

- Não diz coisa com coisa, coitado!

- E a bandeira? Que me diz você da bandeira?

- Ah, sim... a bandeira... sim... - repetiu o velho Lima para o não contrariar.

- Como a prefere: com ou sem lema?

- Sem lema - respondeu o homem num tom de profundo pesar; - sem lema.

- Também eu; não sei o que quer dizer bandeira com leteiro.

Como o trem se demorasse um pouco mais numa das estações, o velho Lima voltou-se para o subdelegado e disse-lhe:

- Parece que vamos ficar aqui! Está cada vez pior o serviço de Pedro III!

- Qual Pedro II! - bradou o comendador. - Isso já não é de Pedro II. Ele que se contente com os cinco mil contos!

- E vá para a casa do diabo! - acrescentou o subdelegado.

O velho Lima estava atônito. Tomou a resolução de calar-se.

Chegando à Praça da Aclamação, entrou num bonde e foi até a sua secretaria sem reparar em nada nem nada ouvir que o pusesse ao corrente do que se passara.

Notou, entretanto, que um vândalo estava muito ocupado em arrancar as coroas imperiais que enfeitavam o gradil do Parque da Aclamação...

Ao entrar na secretaria, um servente preto e mal trajado não o cumprimentou com a costumeira humildade; limitou-se a dizer-lhe:

- Cidadão!

'Deram hoje para me chamar de cidadão!' - pensou o velho Lima.

Ao subir, cruzou na escada com um conhecido de velha data.

- Oh! Você por aqui! Um revolucionário numa repartição do Estado!...

O amigo cumprimentou-o cerimoniosamente.

'Querem ver que já é alguém!' refletiu o velho Lima.

- Amanhã parto para a Paraíba - disse o sujeito cerimonioso, estendendo-lhe a ponta dos dedos. - Como sabe, vou exercer o cargo de chefe de polícia. Lá estou a seu dispor.

E desceu.

- Logo vi! Mas que descarado! Um republicano exaltadíssimo!...

Ao entrar na sua repartição, o velho Lima reparou que haviam desaparecido os reposteiros.

- Muito bem! - disse consigo. - Foi uma boa medida suprimir os tais reposteiros pesados, agora que vamos entrar na estação calmosa.

Sentou-se e viu que tinham tirado da parede uma velha litografia representando D. Pedro de Alcântara. Como na ocasião passasse um contínuo, perguntou-lhe:

- Por que tiraram da parede o retrato de sua majestade?

- Ora, cidadão, que fazia ali a figura do Pedro Banana ?

- Pedro Banana! - repetiu raivoso o velho Lima.

E sentando-se, pensou com tristeza:

'Não dou três anos para que isto seja república!'

Fonte: AZEVEDO, Artur. *Contos escolhidos*. São Paulo, O Globo/Klick Editora, 1997. pp. 12-14.